

REVISTA  
DE

# TURISMO

PUBLICAÇÃO MENSAL  
DE TURISMO, PROPAGANDA,  
VIAGENS, NAVEGAÇÃO, ARTE  
E LITERATURA □ □ □

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA «REVISTA DE TURISMO»

ANO VI  
II SERIE

5 DE JULHO 1921  
N.º 109

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO  
SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO  
EDITOR: F. FERNANDES VILLAS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 — TELEFONE 2337 CENTRAL



## A REVISTA DE TURISMO

### QUINTO ANIVERSARIO

**F**AZ, precisamente n'esta data, cinco anos que a *Revista de Turismo* publicou o seu primeiro numero.

Ela inicia hoje o sexto ano da sua publicação.

Entre as duas datas ha, simplesmente, um espaço mais do que suficiente para o desfalecimento d'uma idéa — que, muitas vezes, morre um minuto depois de têr sido concebida.

Mas a que deu sêr e vida á *Revista de Turismo* não podia diluir-se no vago comum onde se desfazem os ideaes utopicos, por isso que ela assentou sobre as bases consistentes que a teem sustentado até agora.

E' pouco o que temos conseguido? Isso não nos desanima para proseguirmos, porque não atribuímos pouca effi-

ciencia ao esforço titanico que temos posto á prova para manter esta publicação.

Atribuímos a pouca satisfação a parte da nossa obra, á corrupção dos homens da governação publica, ao seu extremo egoismo e dementado raciocinio, á extraordinaria crise de caracter por que, infelizmente, estamos passando, á falta de patriotismo que caracteriza o portuguez e a tantos outros factores que seria fastidioso enumerar.

Mas, se nos falta o apoio official, não nos tem decrescido felizmente o concurso moral e material de particulares que na nossa obra vêem justamente o que ela representa.

— E isso nos consola.

Temos, porém, esperança de que um dia —



AGOSTINHO LOURENÇO  
Director da «Revista de Turismo»

que não virá talvez longe—a *Revista de Turismo* ha sêr apreciada como merece, e ha de têr como supremo premio o seu reconhecimento publico e official que confirmará a sua necessaria existencia.

Não é de supôr que isso aconteça para que nos favoreçam seja com o que fôr; porque prezamos muito a nossa independencia e não nos subjugamos a conveniencias extranhas, nem tampouco a nossa consciencia receberia outro premio que

não fosse a da satisfação completa do fim que nos propomos atingir: *crear, fomentar e fazer progredir a industria do Turismo em Portugal.*

— Só e unicamente.

Isto, porém, só nos parece que se conseguirá quando as cousas mudem d'aspecto. Todavia não deixaremos de trabalhar para a realização d'esse nosso ideal.

Esse é o nosso programa de hoje e de sempre.



JOSÉ LISBOA  
Secretario da «Revista de Turismo»

## A REVISTA DE TURISMO

### NOVO ANO

A «Revista de Turismo» ao iniciar, com o presente numero, o seu sexto ano de publicação, não pode deixar de,

em primeiro lugar, dirigir uma especial saudação aos homens que em Portugal se teem dedicado ás diferentes questões do Turismo.

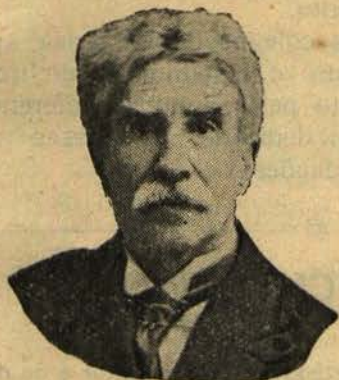


GUERRA MAIO  
Redactor principal da «Revista de Turismo»



FRANCISCO FERNANDES VILLAS  
Chefe de propaganda da «Revista de Turismo»

São poucos; mas se admirarmos essa escolhida pleiade, que vem — em nossos dias — desde Ramalho Ortigão — que, na voz auctorizada de Manuel Emygdio da Silva, foi o primeiro turista portuguez — vemos que, embora, de resumido numero, cada um dos seus componentes é um verdadeiro valor.



ENGENHEIRO J. FERNANDO DE SOUZA  
Fundador da Sociedade Propaganda de Portugal

—Que ha de dizer de todos eles, se os nomes são sobejamente conhecidos como homens de iniciativa, de trabalho honesto, de invulgar força de vontade e de arreigado amôr patrio?

Ha, apenas, que mencional'os, para que o seu exemplo seja justamente apreciado e sirva d'incentivo a tantas forças estagnadas que se encontram por esse paiz em fóra — por comodismo d'uns, por inercia d'outros.

Justo é que os nomes d'esses benemeritos portuguezes fiquem, mais uma vez, arquivados nas columnas d'esta Revista, que muito se honra em os contar como seus sinceros amigos, colabores e admiradores da sua modesta, mas patriótica obra. São eles: o Engenheiro José Fernando de Souza; Leonildo de Mendonça e Costa; o engenheiro Manuel Roldan y Pego, Manuel Emygdio da Silva, Ferreira Madail, o Dr. Bentes Castel-Branco, Pedro d'Oliveira Pires, Jayme de Padua Franco; o Dr. Magalhães Lima; o Dr. José d'Albayde; Fausto Cardoso de Figueiredo; o Engenheiro Antonio de Vasconcelos Correia; Alberto Fabri; Pedro Ramos de Paiva, Ribeiro Christino e poucos mais infelizmente.

A ação de todos esses homens tem sido um mixto de grandeza e de sacrificio; — de grandeza, pelas patrióticas concepções iniciadas na pratica com o maior entusiasmo, como a benemerita Sociedade Propaganda de Portugal, que é hoje uma instituição d'incontestavel valôr; a instalação do posto de informações em Paris; a transformação do grande parque do Estoril na esplendorosa estancia thermal, climaterica, de cura e de repouso a que a sublime audacia d'um homem — Fausto de Figueiredo — vem dando o maior impulso; — de sacrificio, porque tem sido taes e tantos os obstaculos impostos á realização pratica e util d'aquelas iniciativas e d'outras que, por isso mesmo, não tem tido ainda vida, que só vontades de ferro, aliadas á persistencia d'um capricho indomavel tem conseguido triumphar relativamente.



MENDONÇA E COSTA  
Fundador da Sociedade Propaganda de Portugal

A nossa pequena obra — esta *Revista de Turismo* que entra hoje no sexto anno da sua existencia, representa um esforço titanico, só justificado pelo entusiasmo dos seus auctores e pelo vehemente desejo

de, por esta forma, cumprirem o seu dever patriótico como um sagrado tributo de que se não dispensariam.

Nem a simples razão d'ela sêr a unica publicação que no genero se faz em Portugal, a tem reservado de peias, dificuldades de toda a ordem, da carencia até do mais elementar concurso para a defeza dos interesses alheios.

Emfim, ella já completou cinco anos d'ardua existencia, representada por penosos esforços e dura administração, atravez este periodo calamitoso desde a sua fundação. O que ella tem feito e o que tem produzido, a sua existencia e os factos o atestam,



DR. EMYGDIO DA SILVA  
Director da Sociedade Propaganda de Portugal

melhor do que qualquer referencia nossa. E embora não tenhamos ainda tido a mais simples compensação a esse nosso continuo esforço (nem a queremos, por isso não a esperamos), basta-nos a gloria de mantermos a *Revista de Turismo* — para nós bastante grande — para nos acharmos compensados sobejamente.

Continuaremos pois, o nosso caminho, trilhando-o sob a mesma orientação e sob o mesmo programa, que não alterámos nem alteraremos.

Como singela homenagem de respeito e de admiração pelos homens do Turismo em Portugal, inserimos no presente numero os seus retratos; completando essa escolhida coleção com o pessoal da casa, que crêmos justamente digno de figurar entre os grandes obreiros da magna industria do turismo.

A todos os nossos muito estimados assignantes, annunciantes e colaboradores e a todos emfim, que á nossa publicação tem prestado o seu concurso e lhe tem dado o incentivo do seu conforto moral, a *Revista de Turismo*, agradece comovidamente, saudando-os com o mais fraternal cumprimento.

Aos nossos colegas da imprensa apresentamos, com o testemunho do nosso reconhecimento pelas amaveis referencias que nos tem dedicado, as nossas mais cordeas saudações.

## RIBEIRO CHRISTINO

O grande artista, mixto de pintor e de desenhador, Sr. Ribeiro Christino, illustre professor da Escola Marquez de Pombal, que ha já tempo, por uma muito especial sympathia pela nossa obra, lhe vem prestando o seu precioso concurso, acaba de nos dar mais uma prova da sua valiosa dedicação, enviando-nos o desenho para a capa que figurará em a nossa Revista, a partir do presente numero.

Ribeiro Christino tinha já consagrado a sua genial concepção no primoroso quadro representado pela nossa capa do ano que findou, em que o sentimento patriótico d'esse muito distincto artista e professor se aliou com singela felicidade á beleza d'esse seu delicado trabalho.

Acedendo gentilmente ás solicitações que lhe fizemos, esse nos-o muito querido amigo e obsequioso colaborador, enviou-nos um novo desenho para substituir o anterior, o qual, interpretando por interessantes motivos a indole d'esta publicação, revela mais uma vez o seu belo temperamento d'artista.

Ribeiro Christino é um turista na verdadeira acção do termo e, por isso, o seu espirito melhor do que qualquer outro, poude facilmente fazer traduzir pela pena, algumas modalidades da vilegiatura, o que conseguiu com um muito feliz resultado.

Manifestando por esta forma a nossa muita admiração pelo seu belo talento, e os nossos reconhecidos agradecimentos pela sua genial oferta, enviamos a Ribeiro Christino as nossas homenagens.

## O TURISMO EM PORTUGAL

**E**STADISTAS e politicos portuguezes sorriem ironicamente ao apontar-se-lhes o turismo como uma das mais rendosas industrias para o paiz. Não lhe prestam credito.

Basta, porém, folhear as estatisticas francezas, italianas, suissas e mesmo egypcias, antes da guerra, para se reconhecer a bestial receita que d'ele provinha a estes paizes, alguns dos quaes, como a Italia e a Suissa, d'ele usofruiam o seu maior rendimento.

Estadistas e politicos portuguezes viajados sabem comparar a nossa materia prima de turismo, de primeira qualidade, com a



ENGENHEIRO M. NUEL ROLDAN Y PEGO  
Director da Sociedade Propaganda de Portugal

dos paizes visitados; sabem apreciar a perfeita e inteligente preparação d'essas nações e a nula nossa.

E nas conversas extramuros ideiam amplos projectos de largo aproveitamento das nossas especiaes condições climatericas, dos nossos encantos naturaes, dos nossos magestosos monumentos; mas, reentrados, transposta a fronteira, as tricas politicas absorvem-lhe o pensamento e não mais recordam, nem mesmo o brilhante poalho do sol lusitano, lhe faz lembrar os planos que verbosamente lançaram em ondas faiscantes ao ambiente boulevardino na mesa do «La Paix».

Examinando uma carta isothermica observa-se existirem na terra duas regiões onde as curvas de temperaturas medias hibernal e estival muito se aproximam, a ponto de

quasi se confundirem, isto é, duas abençoadas regiões: o Sul da California e Portugal, onde a diferença entre a temperatura media estival e a hibernal é minima; em que as condições climatericas pouco variam do inverno ao estio; em que a primavera é quasi continua. Havendo similitude nos climas dos dois paizes, ha enorme diferença na maneira porque n'elles se encara o seu aproveitamento. Na California, uma extensa obra de irrigação e uma vasta rede conductora de energia electrica veem expandir pelo Estado a agricultura, a luz e a energia a minimo custo. Ajudam-se as ruas e praças das cidades e vilas; criam-se parques, nos logares mais amenos, com hotéis, cumulo de conforto, como só americanos sabem edificar e gerir; estendem-se linhas ferreas e electricas, onde serpeiam comboios-hotéis, com varandas e salões miradouros, em que nada falta desde o banho á barbearia; lançam-se estradas cimentadas, asfaltadas, alcatroadas, deslisantes como salões encerados, largas como avenidas, sem poeiras nem lamas, diariamente regadas; reparam-se e conservam-se com o maximo cuidado, sem lhes alterar uma linha architectonica, sem lhes deslocar um sino, mantendo-lhe o caracter monacal, mistico, as antigas casas-missões dos frades franciscanos de Junipero Serra. E o «camino real de las misiones», conservando o seu nome castelhana, estrada que liga as casas-residencias da comunidade ao longo do Estado, é transformado, na sua lonjura de 300 kilometros, em magnifica via de turismo. E a longa linha de praias do Pacifico, que corre de Seatel ao Coronado, em S. Diego, oferece todos os encantos, todas as distrações, todo o conforto. A flôr esmalta as cidades e os campos. Os pomares sombreiam os vales. Os bosques de sequoias e obetos enobrecem as serras. E não ha sitio ou objecto de turismo, por mais pequeno e insignificante, que não seja inteligentemente aproveitado e explorado. N'esta lucta quotidiana desveladamente se ocupam

o Governador e o Senado do Estado, as municipalidades, os sindicatos de iniciativa, os sindicatos de operarios (trade-unions), os particulares, n'um plano, antecipadamente acordado, que se segue linha a linha, traço a traço, sem regateio de verbas, por todos saberem ser a aplicação mais rendosa dos capitaes estatuaes, municipaes e particulares.

Entretanto em Portugal, as estradas vão profunda e extensamente esburacando-se; os rios assoriando-se dia a dia; as linhas ferreas vão mais morosa e caramente transportando os passageiros; os hoteis vão menos confortavel e mais custosamente atendendo, digo, desatendendo aos hospedes; as camaras municipaes, como a de Lisboa, vão transformando as cidades e vilas em povoações do «front», derruidas e carbonisadas pela artilharia, cheia de entulho e sugidade.

Haja em vista as ruinas do Rocio e o enegrecimento da Torre de Belem. E o pejo não os córa ao lerem os fustigantes artigos de membros estrangeiros da Conferencia Inter-parlamentar do Comercio, de diplomatas e de artistas.

Os monumentos, de valor inestimavel, vão-se esboracando pela ação do tempo, pelo vandalismo do homem, pela pedra da garotada sob a vista consentidora das autoridades, pela ignorancia e incompetencia das municipalidades, pela ganancia e egoismo de industriaes pouco escrupulosos.

E o sol continua a acariciar-nos com os seus mais brilhantes raios, e as brizas marinhas corrigem o calor dos seus afaços, e as flores matizam os verdes campos, e os rios correm murmurantes as cristalinas aguas sobre douradas areias, e os monumentos reforçam a sua patine de tons aureos roseos e neutros, sem que os homens do Estado distraiam um só minuto a sua atenção para a ninharia do turismo, que não encerra enredos politicos, mas que deixaria aperceber a espiritos clarividentes a vasta politica economica portugueza.

Vem-me á memoria as palavras de uma senhora norte-americana que em 1914 encontrei visitando o templo da Batalha.

Estasiava-se ante as rendas em pedra, ante a patina dourada do monumento e perguntou-me o motivo porque não faziamos a devida propaganda ao paiz e aos seus monumentos, tudo desconhecido na Europa e na America. Percorrendo havia dois anos o mundo em viagem de recreio, por acaso se encontrava em Lisboa, de que pouco ouvira falar, ao pretender na peninsula embarcar para Liverpool.

Visitára as colonias portugueza da Asia da Africa, os archipelagos dos Açores e Madeira, a metropole. Conhecia as nossas riquezas.

Havia apenas o defeito de as não sabermos administrar. A nossa administração dava-lhe a ideia de uns homens ante uma caixa com duas duzias de compartimentos, existindo apenas dentro de dez d'elles seis moedas de prata em cada. O problema era encher-os todos com a meia duzia de escudos. Mui atarefado, em activa azafama, encostado a pezada barra de prata, mudava os montes de moedas d'uns para outros compartimentos, onde mais necessarios se tornasse, sem nunca conseguir o seu desideratum, não se lembrando que o acunhar a barra a que se apoiava era a solução do problema.

Estadistas, portuguezes que amais o paiz e desejais vel-o sahir da crise em que se debate, despi-vos de sectarismos e lançae-vos com afinco á resolução do problema; acunhae a barra, de que uma parte é o turismo, e unindo-vos um por todos, todos por um, cuidae sómente em elevar Portugal.

O gesto urge.

Alea jacta est.

MANUEL ROLDAN Y PEGO

## REGISTO

O nosso prezado colega «O Jornal d'Extremoz» publicou na integra, em o seu numero referido a 6 do corrente, o artigo principal do n.º 108 da nossa Revista, firmado pelo nosso Secretario, Sr. José Lisboa.

Agradecemos a transcrição, bem como a referencia que nos faz em outro local do seu aludido numero.

## ARTE E LITERATURA

## CANÇÃO XVI

*Eu hontem passei o dia  
Ouvindo o que o mar dizia.*

*Chorámos, rimos, cantámos.*

*Fallou-me do seu destino,  
Do seu fado...*

*Depois, para se alegrar,  
Ergueu-se, e bailando, e rindo,  
Poz-se a cantar  
Um canto molháo e lindo.*

*O seu halito perfuma,  
E o seu perfume faz mal!*

*Deserto de aguas sem fim.*

*O' sepultura da minha raça  
Quando me guardas a mim?...*

*Elle afastou-se calado;  
Eu afastei-me mais triste,  
Mais doente, mais cansado...*

*Ao longe o Sol na agonia  
De rôxo as aguas tingia.*

*«Voz do mar mysteriosa;  
Voz do amor e da verdade!  
— O' vóz moribunda e dôce  
Da minha grande Saudade!  
Voz amarga de quem fica,  
Trémula voz de quem parte...»*

*E os poetas a cantar  
São echos da voz do mar!*

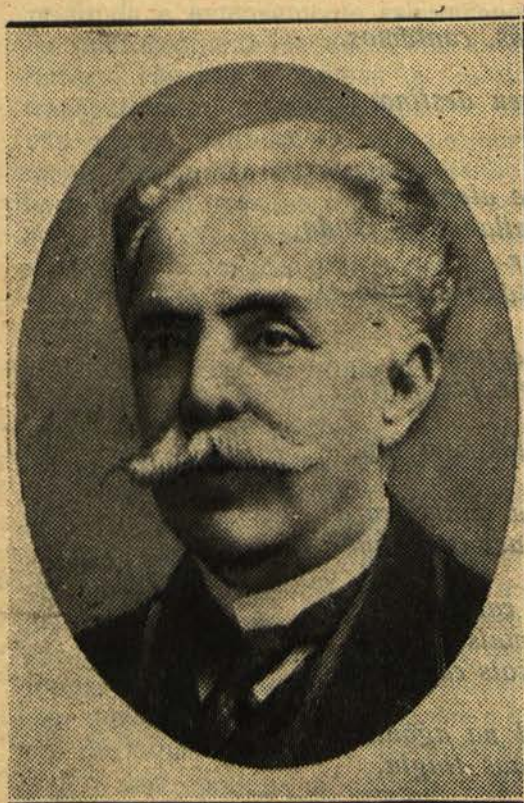
Do livro CANÇÕES  
ultimamente publicado

ANTONIO BOTTO

## NO ANIVERSARIO DA REVISTA DE TURISMO

— *Helas!* — como dizem os francezes n'uma expansão de surprehendente espanto — Pois a *Revista de Turismo* conta já cinco anos de vida!?!

— E' espantoso — mas é certo.



DR. MAGALHÃES LIMA  
Director do Conselho de Turismo

N'um paiz de três milhões d'analfabetos, de milhão e meio de pessoas que não digerem o que lêem e que, a respeito de patriotismo... nem sequer sabem blasonar de patriotas; n'um paiz onde um terço da sua população apenas se interessa pela politica réles, mesquinha, suja, imunda; a *Revista de Turismo*, nascida no periodo calamitoso da grande guerra — conseguir atravessar toda a crise que—desde então, não cessou de agravar-se—e aparecer hoje a solemnizar a entrada do seu sexto ano

de publicação — é simplesmente assombroso!

Dir-se-ha, com propriedade, que a plantação d'esta arvore foi feita em boa terra e que os seus alicerces se enraizaram tão funda e solidamente que não ha vendaval que a destrúa.

E' um facto, indiscutível, axiomático.

E os seus numeros publicados durante cinco consecutivos anos ahi estão a afirmar o poder d'um ideal; a fé e a confiança no proprio esforço; a energia e a tenacidade, correndo parelhas, para a realisação d'esse ideal, sob a vontade persistente que não conhece obstaculos, que vence todos os contratemplos, que salta todas as barreiras, para o valoroso triumpho final.

Bem dita cruzada.



ENGENHEIRO VASCONCELOS CORREIA  
Director da Sociedade Propaganda de Portugal

Heroicos portuguezes, estes, os d'esta mais do que resumida pleiade, a quem se deve o inestimavel e patriotissimo serviço de manter esta Revista — a *Revista de*



**Turismo**—o unico baluarte que a preciosa industria do turismo tem a defendel-a.

Mas está bem defendida, porque este baluarte é inexpugnável.

Que belo exemplo de coragem, de comprehensível civismo e de amor patrio dão os homens da *Revista de Turismo* a esses que... não fazem senão destruir!

Se todos os portugueses o seguissem como aqueles a ele se escravizam, seria então caso para dizermos como o Rei dos Poetas:

*Esta é a nossa ditosa  
Patria  
Muito amada*

Dizer o que tem sido

a *Revista de Turismo* seria exagerar o que não é possível de exageros, porque os factos o afirmam iniludivelmente. Na sua relativa pequenez, ela tem conseguido muito, porque a sua conducta se impõe pela honorabilidade das suas apreciações, pela sua auctoridade moral e pelo fundo conhecimento da complexa industria que defende, afirmado nas multiplas e interessantes questões que tem tratado nas suas brilhantes columnas.

D'esta fórma ella far-se-ha grande, continuará caminhando, porque mesmo a sua existencia é preciosa, é de utilidade, é indispensavel.

— Não só reconhecido por mim, mas por



DR. JOSÉ DE ATHAYDE  
Director da Reparação de Turismo



DR. BENTES CASTEL-BRANCO SARAIVA  
Ex-Director das Caldas de Monchique



PEDRO RAMOS DE PAIVA

todos os que lêem a *Revista de Turismo*.

— E continuará porque quando á frente da empresa estão homens como os da *Revista de Turismo*, a idéa nunca esmorece, an-

tes se alenta a cada nova scintilha de vigor.

Por isso vos saúdo, como a irmãos e compartilho da vossa felicidade.

MARIO DE MONT'ALVÃO

## EM VIANA DO CASTELO

# VISITA A SANTA LUZIA

O caso passou-se assim.

Eu chegava a Viana do Castelo pelo meio dia, e na intenção de regressar de noute para o sul. Ia lá, tanto para vêr a joia do Minho, como para gosar o panorâma do monte de Santa Luzia.

A verdade é que eu andava já arre-

panorâmas portuguezes : o da Peninha, em Cintra ; o da Cruz Alta, no Bussaco ; o do Castelo de Palmela ; o das Cumieiras, na ilha de S. Miguel ; não falando em alguns estrangeiros, como o do Notre Dame de la Garde, em Marsêlha ; ou, em Paris, o da Torre Eiffel.

Agora ia a Viana vêr se aquele de Santa Luzia era rialmente o assômbro, que me diziam.

Pouco depois de chegar á cidade, falára com dois conhecidos meus, que lá encontrára, os quaes, sabendo a minha intenção, me prometeram ir pelas cinco horas da tarde, buscar-me ao Hotel Central n'uma tipoa, — diziam eles, — para seguirmos pela estrada de lacêtes ao famôso monte.

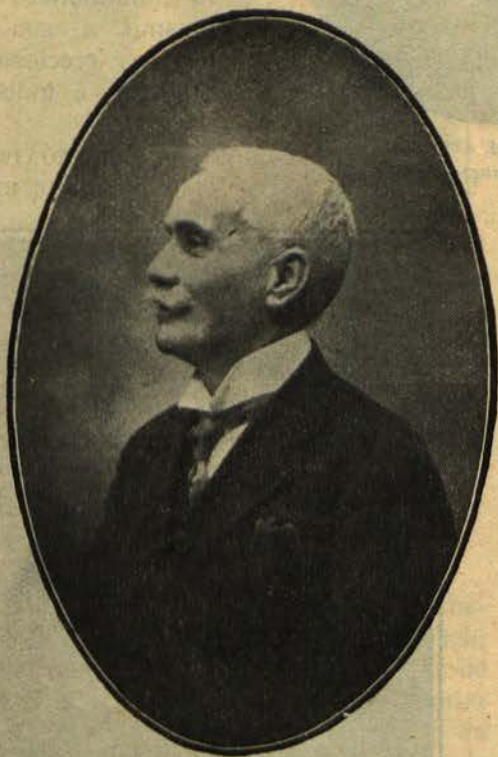
Dadas umas voltas pela cidade em busca de vêr alguns antigos edificios com motivos ornamentaes, e gosada a vista do suave Lima, de azuladas e tranquilas aguas, fui para o Hotel aguardar os meus amigos.

Esperei ; li jornaes ; li anuncios do estabelecimento hoteleiro, para passar o tempo, e eles nada de aparecerem. Eram já perto das seis horas da tarde, (das 18, como se diz agora).

— Querem vêr que venho a Roma e não vejo o Papa, — disse com os meus botões, ao ver as horas no meu relógio ; nada, vou sózinho.

— Mas espera, acrescentei mentalmente, eu não sei caminho nem carreira ; preciso de arranjar um guia.

Um solícito creado do Hotel, sabedor do caso, prontificou-se a encontrar um



RIBEIRO CHRISTINO

liado com a *scie* da belêsa do afamado sitio, com que toda a gente me matava o *bichinho do ouvido*.

Ora, eu já conhecia vários soberbos

guia; e d'ali a pouco, aparecia-me, este, na pessoa de uma velhota toda sorridente.

— Vocemecê é que vai comigo?— perguntei-lhe, calculando que ela, pondo-se a *andar*, chegaria só lá pela noute velha.

— Nada, não senhor, é o meu neto que vae; eu só vim para o ajuste. Fez-se a combinação a contento.

A boa da mulher lá se foi e passaram-se mais uns tantos minutos de desesperadôra espera, até que chegou um rapazito, de seus treze a quatorze anos.

— Então tu sabes o caminho mais curto para o Monte—inqueri, suspeitôso da pequenez do guia.

— Sei, sim senhor; vamos pelas escadas acima.

— Está dito, e vamos já; mas primeiro dirigi-me ao creado principal das mesas do Hotel, a dizer-lhe aonde ia.

— O senhor vae agora, a esta hora, a Santa Luzia?—ás seis horas! Mas não tem tempo, pois o jantar serve-se ás sete em ponto.

— Deixe lá, não tenha cuidado; devo voltar a tempo, e d'ahi, prefiro antes perder o jantar, a deixar de ir lá acima ao Monte.

— Faça o que quizer, mas verá que não chega a tempo.

Parti, indo o rapazito adeante; e ele, passadas poucas ruas, lá me conduziu ás escadarias, e vá de subir, subir, subir, degraus de pedra, ás dezenas, ás centenas, sempre por entre arbustos, e quando julgava já terem acabado, lá apareciam n'outra direcção outros novos lances da interminavel escadaria, até que por fim sempre alcancei a esplanada do Monte.

— O senhor quer ir vêr o hotel nôvo?—perguntou-me o rapasinho, indicando-me, ainda mais alto, um edificio.

— Era o que me faltava, farto de hoteis ando eu.

— Venho aqui só para vêr as vistas, expliquei-lhe.

N'este momento deparei n'um extranho vulto negro, que sobranceiro ao ponto onde eu estava, parecia precipitar-se sobre mim pelo declive: era uma figura alta esguia, desagradavel.

Reconheci. Era o «Christo» do escultor

Q., feito de bronze, estatua que estivera exposta em Lisboa entre pequenos cyprestes, a qual fizera na Capital um successo... de fiasco, e que afinal foi colocada n'aquellas alturas. Uma pavôr artistico com que ali tornei a deparar.

Mas, voltei-me para o lado do horisonte, seguindo ao longo a curva da esplanada e, rialmente, fiquei encantado com a surprema belêsa da vista panorâmica, arrebatadora, na sua variedade de perspectivas.

Para um lado, á esquerda, seguia uma cadeia de caprichosas serras dirigindo-se para o longe; ao lado nas vertentes viam-se, espalhados pelos distantes campos, vários logarejos e casaes, que o rapaz me mencionava os nomes, todos muito branquinhos, por entre as culturas e arvorêdos; mais para o centro notava desde muito longe, vir serpenteando pelas longinquoas planicies, em graciosas curvaturas, o suave rio Lima, muito azulinho, a apagar-se ao fundo na distancia de leguas; na frente para lá do rio destacava-se a linda aldeia de Darque; depois a grande ponte do caminho de ferro desde ali seguia para cá, para a banda da cidade, a qual lá em baixo com os seus monumentos e a sua casaria bastante reduzida pela distancia, nitidamente se estendia como n'um mapa, ao longo do rio; agora para a direita, perdendo-se tambem nos longes, viam-se os areais da costa, contornados pelo branco das espumas da arrebatação do Mar, e este por ultimo, com o seu azul profundo, enchia o resto do maravilhôso quadro, onde o Sol, já bastante baixo, punha nas aguas uma esteira de ouro. Por cima de tudo isto estendia-se o lindo Ceu azul de Portugal.

Não pude deixar de confessar, a mim próprio, que o panorâma do Monte de Santa Luzia batia o *record* de quantos até então presenceara.

E agora lá regresso eu a *nove*, outra vez descendo pelas escadarias.

Faltavam dez minutos para as sete, entrava eu novamente na sala de jantar do Hotel Central, e os criados de mesa mal queriam acreditar na minha façanha de ir e voltar do Monte a tempo da hora de jantar.

— Olhe sabe, disse-me um d'elles, estiveram ahi dois sujeitos á sua procura, vindos de trem, e a gente disse-lhes que um hospede tinha ido para Santa Luzia. Eram os meus dois amigos, com quem depois, á noute, tornei a falar, e que deploraram não me terem encontrado, por motivos de seus afazêres se terem de-

morado, o que senti, agradecendo-lhes; mas, disse-lhes—não queria vir a Viana sem visitar o monte, mesmo á custa de uma tremenda subida, como a que experimentára n'aquelle dia, e que me ficou de memória.

RIBEIRO CHRISTINO.

## TURISMO INSULAR

### CARTA DA MADEIRA

A minha vida, que não é feita propriamente de jornalismo, por isso mesmo não me permite a largueza necessaria a uma mais proveitosa e interessante colaboração na «Revista de Turismo».

O jornalista — quando verdadeiro e não *bêra*—tem, em geral, facilidades e oportunidades de fazer turismo, de apreciar as mais simples manifestações d'essa muito preciosa industria e de atrahir, com as fulgurações do seu espirito, a atenção dos seus leitores — facilidades e oportunidades que não é dado, infelizmente, proporcionarem-se a quem se ocupa d'outro, ou d'outros modos de vida e que, não se tendo formado na carreira das letras, apenas usa d'elas para a satisfação dos seus deveres de consciencia, tanto quanto as suas forças lhe permitem.

E' este o meu caso.

Ora, este preambulo serve simplesmente, para mostrar a razão por que estas minhas despreziosas cartas, tendo unicamente por fim a atração das atenções superiores em proveito da obra da Madeira, não reflectem as impressões que poderiam ser habilmente colhidas em especial estudo das belezas artisticas d'esta terra, o que daria assumpto para largos artigos se a situação m'o permitisse; nem, pela mesma razão, constituem descrições interessantes dos passeios que a Ilha proporciona, da beleza original da sua verdejante flora, dos nascentes observados em

qualquer dos seus mais altos pontos, ou do surpreendente espectáculo que oferecem os poentes, para nós muito superiores, muito mais sentimentaes e impressionantes do que os poentes de França, aliás comovidamente contados por Antonio Nobre, n'esse livro «SÓ» que o fez transpôr os humbraes da Posteridade.

N'uma palavra: — estas minhas cartas



PEDRO D'OLIVEIRA PIRES  
Director da Sociedade Propaganda de Portugal

não são propriamente de atrahente interesse para a massa geral dos leitores d'uma publicação da indole especial da *Revista de Turismo*, porquanto elas visam só ao interesse d'uma região, embora

bem merecedora de todo o concurso; mas como adentro da sublime idéa que esta Revista defende e do programa que se impoz, cabem bem as minhas apreciações, que são, por assim dizer, restrictas a um unico pensamento — o bem da Madeira, por isso me abalanço a transmitil'as ao publico que pela nossa Ilha se interessa, não só o que habita no Continente e que pode enthusiasmar-se com as referencias feitas á sua terra, como no Funchal, onde a util e patriotica *Revista de Turismo* conta já um certo numero de leitores e apreciadores da sua bela obra.

Completada assim esta introdução, que



FERNANDO MENDES

— para mim — é d'um excepcional valôr, passo a dar largas ao meu espirito, fazendo-o de forma a que os meus pensamentos sejam os mais concretos possiveis e traduzam, tanto quanto em mim cabe a singeleza que pretendo impôr aos meus conceitos para que eles sejam apreciados tão sómente como sugestões, ou recursos a experimentar na solução dos varios problemas cuja responsabilidade nos impende muito directamente.

Ora leio sempre, com interesse, o «Comercio da Madeira» — nem podia deixar de o fazer, não só porque esse brilhante colega me tem dado todo o seu valioso apoio, como porque é, principalmente, como éco e orientador das opiniões, onde mais facilmente encontro materia para as minhas conjecturas, sem têr o trabalho de discussões contradictorias, geralmente infructiferas, porque se perde tempo sem um lucro positivo.

Quem quer ou póde perceber, percebe facilmente as idéas alheias; quem não atinge as concepções d'outrem, deve aguardar o seu resultado pratico — sistema economico e util para quem não gasta tempo com divagações.

— Como ia dizendo, leio sempre o Comercio, e vejo com prazer a sua missão, que é bem comprehendida — o que lhe tem grangeado auctoridade e sympathias. A sua acção, inspira-se sobretudo em ser util á terra em que nasceu e na qual vive. Todos o reconhecem.

Assim, ele vem denunciando os males; vem apontando o que deve sêr modificado, emfim — o que se deve fazer para proveito da nossa linda terra.

E' muito, mas póde ir mais alem. Com o pezo da sua autoridade e com o valôr da sua vulgarisação, o «Comercio» póde e deve desempenhar um papel preponderante na vida madeirense — e estou bem certo de que ha de atingir essa situação. Para isso — a meu vêr — é necessario que abra uma insistente campanha d'onde ha de, sem duvida, sahir a Sociedade de Propaganda e defeza da Madeira.

Só a essa instituição poderemos impôr o nosso programa, que ela não pode deixar de aceitar porque ele constituirá a sua unica razão de sêr.

Só essa Sociedade nos póde defender, porque só ela pode agrupar em volta de si todos os madeirenses.

Emquanto isso não se fizer, sob os simples delineamentos que expuz na minha anterior carta—isto sem pretensões, bem entendido — nada se conseguirá de que resulte um util e pratico beneficio para a nossa querida ilha.

Creia o colega que não são os políticos (que nos vão representar no congresso), que nos proporcionarão a satisfação dos nossos desejos. Eles, apenas, ali, procuram satisfazer os interesses do partido a que pertencem para — como de resto todos os outros — simplesmente manterem as suas situações. Os que foram agora eleitos nossos representantes em Côrtes, sel-o hão amanhã da Patagonia ou da Cochichina, se estas um dia vierem a ser colonias portuguezas.

Aqui veem-se as coisas muito diferentes do que elas se passam em Lisboa, nos centros políticos, á sombra da Arcada do Terreiro do Paço, ou nos comodos *jauteulls* do Congresso.

Portanto, e para não alongar mais estas considerações—o unico recurso viavel e pratico de que podemos dispôr com exito, é o da constituição da Sociedade de Propaganda. Só a ela é que podemos exigir tudo quanto o «Comercio» fez lembrar ao nossos representantes em cortes e mais alguma coisa de que o brilhante colega se esqueceu.

Alem d'isso, unicamente d'essa valiosa instituição é que poderemos esperar beneficios taes como a reparação e manutenção em bom estado das nossas ruas e estradas; o completo e inexcedivel asseio na cidade e nas nossas alcandoradas vilas, já por uma irreprehensivel limpeza das ruas, quer pela pintura exterior dos predios, que devem apresentar um aspecto salutar e sympathico para que bem impressione o visitante; a exploração do caes e os transportes maritimos.

A solução da magna questão dos hotéis e respectivos corretores, a nacionalisação dos bordados, a transformação do jardim Municipal, a reconstrução do theatro, a importantissima questão da regulamentação do jogo, a viação electrica; o estabelecimento de mais ameudadas e regulares carreiras maritimas, assim como a propaganda para a visita dos turistas, são outros tantos assumptos do mais capital interesse para a vida madeirense e que só poderão têr solução pratica e satisfatoria por inter-

medio da Sociedade Propaganda e Defeza da Madeira.

Antes nada se obterá; porque, mesmo alguma coisa que se faça, isoladamente, sem obediencia a um programa criterioso e ordenado, não surtirá efeito algum apreciavel. O bom resultado só depende dos interesses ligados á obra.

Tratemos pois, de preparar o ambiente e de enthusiasmar e incitar as energias, que as temos e das melhores para o conseqüimento do nosso fim.

Funchal, Julho de 1921.

C. N.

## FEIRA DA NORUEGA

SEGUNDO comunicação que nos foi feita pela Legação da Noruega em Lisboa, deve realizar-se em Christiania, de 4 a 11 de Setembro proximo, a segunda grande feira nacional para uma completa exposição dos seus productos naturaes, taes como: maquinas e utensilios; gaz e electricidade; metaes trabalhados e utensilios; instrumentos de precisão; ourivesaria; vidraria, porcelana, faianças, bijuteria; tecidos e confeções; madeiras trabalhadas; pasta de madeira, mobiliario; artigos de desportos; borracha e coiro applicados a artigos de utilidade e de fantasia; materiaes de construção; livraria, maquinas e utensilios de imprensa e litografia, etc. etc.

Dados os bons e proveitosos resultados obtidos na primeira exposição, é de esperar que o exito d'este segundo certame exceda a melhor espectativa.

Todos os esclarecimentos são fornecidos pelo «Office Nacional du Commerce Extérieur da Noruega, em Christiania».

## CANÇÕES

DE ANTONIO BOTTO

UMA infeliz revisão deu lugar a que sahisse gralhada, em o n.º 107 d'esta Revista, a maviosa Canção XVI do primoroso livro *Canções* que o nosso distincto colaborador literario e genial poeta Antonio Botto, fez ha pouco publicar. Por isso a reproduzimos n'este numero, especialmente revista pelo seu auctor, a quem enviamos uma vez mais, as nossas felicitações.

EXCURSÃO AO ALGARVE*IMPRESSÕES DE VIAGEM*EM VILA REAL DE SANTO ANTONIO

**D**EPOIS de chegados a Vila Real de Santo Antonio, procurámos um guia que nos levasse ao melhor hotel da terra.

Entretanto fomos apreciando o que pelo caminho se nos ia deparando, e, com a maior sinceridade, embora com a mais funda tristeza, não podêmos deixar de manifestar a nossa desagradavel impressão. A estação do caminho de ferro está por construir, embora já ha tempo tenha sido projectado um edificio para esse fim. No verão, ainda é possível a qualquer sêr civilisado apear-se ali sem receio de perigo de maior; mas no inverno, sem quasi têr resguardos e com as plataformas em terra solta, é caso para se ir munido de botas eguaes ás que empregou o celebre capitão Boyton para fazer a travessia do Tejo, por que difficil será sahir-se incolume da gare.

O caminho que lhe dá acesso é tambem pouco tentador; havendo um carreiro pelo meio d'um campo escalvado, fronteiro á estação, que, encurtando o espaço para a Vila — aliás a pequenissima distancia — mostra, todavia, ao viajante, um aspecto desolador.

E' um campo esplendido para um parque, um jardim ou uma boa construção; mas — infelizmente para todos — está em completo abandono.

Na travessia para o hotel seguimos por diversas ruas, todas feias, de mau piso, ladeadas de casebres, sem vestigios de civilisação. Quasi todas as casas são terreas, não tendo nenhum pavimento superior a dar-lhes um vislumbre de esthetica.

A sua construção é simples e primitiva: uma porta e uma janela de cada lado; mas, tanto a porta como as janelas, mal traçadas e sem um delinearmento, nem o mais pequeno motivo allegorico.

Dentro em pouco chegavamos ao pri-

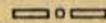
meiro hotel da vila. A nossa surpresa não se modificou, porquanto o hotel está em justa relação com o valor da localidade.

— Mas, Vila Real de Santo Antonio é uma vila importante pela sua industria, pela sua situação de porto de mar no extremo oriental do nosso Paiz e, demais, fronteira a Espanha, que lhe fica distante vinte minutos de travessia sobre o Guadiana, que soberanamente banha essa vila. Estes predicados constituíam suficientes motivos para tornar a ultima Vila de Portugal n'uma interessante e atrahente localidade de qualquer nação que não fosse a nossa.

Como, porém, ela faz parte integrante do continente portuguez, por isso dá a impressão d'uma terra de pescadores selvagens no extremo Austral do Continente Africano.

O Hotel, nem merece a mais simples referencia. Ha hospedarias em outras terras de provincia que, ao pé do Hotel Central de Vila Real, são quasi que verdadeiros «Palaces».

No emtanto o seu proprietario tem um especial tipo de burguez.



Um pouco refeitos da viagem e depois d'uma rapida limpeza (tanta quanto o tempo e o local permitiam), fomos fazer uma mais minuciosa visita á vila; e a nossa desolação confirmou-se a cada passo.

Apenas notámos, para especial referencia, a existencia d'uma grande Avenida á beira-mar, onde se encontram as principaes e mais civilisadas habitações, todavia em mistura com grandes fabricas de conservas. Na Estrada da Légua tambem uma ou duas casas de mais apurada

construção, sobressaem por entre os casebres que a ladeiam.

A praça principal é tão simples como o obelisco que plantaram no seu meio.

Em resumo—não possui um monumento, nem um edificio mais notavel, nem um jardim; emfim, nada de nada.

No emtanto, a vila tem vida propria e importante. A sua intensa industria de conserva de peixe e o seu commercio com a vizinha Espanha davam-lhe direito a ser tratada com amor diferente do que lhe dispensam os seus filhos.

Acresce, ainda, que o seu bom porto de mar lhe facilita a vida não só pela exportação das conservas, como pelos importantes fornecimentos de viveres com que abastece os numerosos vapores que ameude vão ao Pomarão carregar os minérios de cobre da mina de S. Domingos.

Os seus arredores são insignificantes, constatando-se uma paisagem arida, apenas cortada pelo vetusto castelo de Castro Marim, o unico e antigo padrão que (se não estamos em erro) se nota n'aquelas paragens.

Para os lados de Vila Real a flora é menos exuberante; o terreno é mais escalvado. Explica-se o facto pela razão da população se entregar mais á vida marítima, pois é quasi toda constituída de pescadores.

A gente pareceu-nos pouco comunicativa e talvez mesmo concentrada. Certamente por isso não topámos, em a nossa curta visita, nenhum exemplar feminino por onde pudessemos aquilatar os dons que a natureza dispensou ás mulheres de Vila Real de Santo Antonio.

Emfim, nada de interessante nos prendeu a esse triste rincão da Terra Portuguesa, que ali emudeceu os seus canticos, os doces gorgeios pelas luarentas noites estivaes; terra sem aroma; sem mulheres, sem beleza, de homens sizudos e rudes.

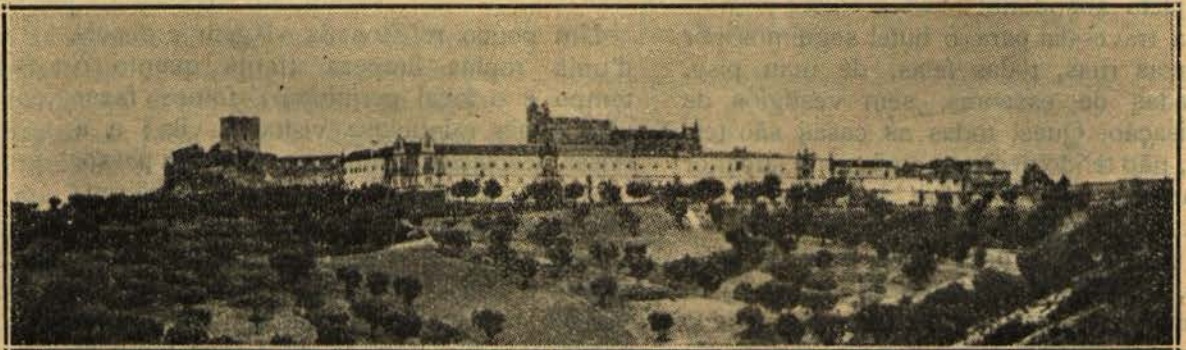
A caracteristica dos homens tem, todavia, uma justa definição: a maioria d'elles fazem vida de pescadores, os que os torna rudes e pouco comunicativos; a outra parte por constantes relações com uma população mesclada de espanhoes e portuguezes, e vice-versa, oferece uma indecisa apreciação — a que, em geral, se attribue aos raianos.

Como nos sobejava tempo da demora que fôra projetada para estarmos n'esta Vila, resolvemos fazer uma pequena derivação, que no proximo numero relataremos.

A. L.

Composto e impresso no CENTRO TIPOGRAPHICO COLONIAL—  
Largo Raphael Bo'dalo Pinheiro, 27—(Antigo Largo d'Abego'ria)

## PORTUGAL PITORESCO



THOMAR—Vista geral do Convento de Christo (lado Norte)